

Abstract: *In view of the extensive produced literal net on the subject of the War of Canudos, the present work focuses the romanesca production especially, in order to stand out the paper of literature in the representation of the events. Through the analysis of the construction of the figure of Antônio Conselheiro in some selected romances, it is intended to reach the considered objective.*

INTRODUÇÃO

Há um número realmente impressionante de textos - livros, artigos, teses, documentários, filmes e outras produções - sobre a Guerra de Canudos, a cidade de Belo Monte e sobre Antônio Conselheiro. Num *site* especializado, o qual reúne inúmeras dessas produções (além de indicações bibliográficas sobre o assunto)², podemos constatar o registro de 205 trabalhos somente na categoria livro.

Nesse amplo e diverso universo de representações sobre os acontecimentos em questão e “os seus atores”, a figura de Antônio Conselheiro mostra-se multifacetada e complexa. É um personagem em constante (re)construção. As representações historiográficas e literárias são responsáveis por grande parte desse cabedal.

Alguns autores apontam, como grandes matrizes discursivas sobre a Guerra de Canudos, a tradição euclidiana e a de viés marxista, as quais permeiam toda a produção cultural contemporânea através de história, literatura, quadrinhos, canções populares, produções de cinema e vídeo, peças de teatro, etc. Há autores que tomam os anos 40 como o início da redescoberta da história de Canudos. Araújo Sá (acesso em 15/04/06), por exemplo, busca perceber se as novas interpretações questionam ou se inserem dentro dos quadros de uma tradição historiográfica euclidiana, consolidada desde a publicação de *Os Sertões*, em 1902. De um

¹ Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem. Orientação: Prof^a Dr^a Miriam Viviana Gárate

² <http://www.canudos@portifolium.com.br>

lado, ele aponta a continuidade da tradição messiânica e milenarista, presente na referida obra euclidiana, em historiadores, pesquisadores da cultura popular, poetas e romancistas como José Calasans, Nertan Macedo, Odorico Tavares, Roger Bastide, Maria Isaura P.de Queiroz, Robert Levine, Vargas Lhosa, entre outros, desde o final dos anos 40 até os dias atuais. Por outro lado, haveria uma possível “ruptura” - talvez fosse melhor chamá-la releitura - da tradição euclidiana pela historiografia marxista, introduzindo novos paradigmas de análise para os movimentos camponeses do passado - luta de classes, movimentos pré-políticos, revolução utópica e socialista -, presente nas obras de Rui Facó e Edmundo Moniz, mas também em poetas populares como Manoel Inácio do Nascimento, Enoque Araújo, Ivanildo Vilanova, entre outros³.

No “confronto” entre várias matrizes discursivas, emerge uma multiplicidade de abordagens e versões sobre a experiência social de Canudos e a liderança de Antônio Conselheiro, indo desde o imaginário construído pela historiografia tradicional, a qual parte da tradição euclidiana - segundo a qual aquela era uma sociedade miserável, ignorante, fruto do abismo cultural entre o sertão/barbárie e o litoral/civilização - até o resgate positivo de Canudos como Aldeia Sagrada, Canaã nordestina, Nova Jerusalém, símbolo de uma reforma agrária possível no século passado, sendo Antônio Conselheiro um reformador social.

O panorama parece bem desanimador em relação a compêndios historiográficos publicados por autores bem recebidos e que influenciaram e influenciam fortemente a produção de livros didáticos e a formação do conhecimento histórico dos brasileiros. Afinal, apesar de tantos estudos e discussões realizados sobre o tema a partir de metade do século XX, parece que há pouco interesse em desenvolver uma análise crítica dos acontecimentos. E, segundo estudiosos, isso acontece mesmo em autores com orientação marxista, como Werneck Sodré, ou mesmo entre os mais

³ Essa é uma maneira de se dividir os estudos sobre o tema. Há outras. Numa divisão conhecida atualmente, fala-se em euclidianos e conselheiristas. O professor Calasans, por exemplo, faria parte dos últimos, pela maneira como questiona o viés euclidiano.

recentes, como Boris Fausto, Francisco Iglesias, Teotônio dos Santos ou Maria Linhares, por exemplo.

No entanto, nos parece lícito dizer que, se selecionarmos outro *corpus* – o dos trabalhos específicos sobre o tema – o panorama vai parecer bem mais “estimulante”. A partir da década de 50, há a valorização da poesia popular e da “micro-história” nos estudos sobre Canudos realizados pelo professor José Calasans e com as obras publicadas por Nertan Macedo e Odorico Tavares, por exemplo. Há não só mudança no modo de interpretar os acontecimentos, mas na própria forma de ver a escrita da história. Nos anos 70, adeptos do pensamento marxista, dois autores se destacam: Rui Facó e Edmundo Moniz. Há também, no centenário de Canudos, dois trabalhos importantes sobre o tema, os livros de Robert Levine e Marco Antônio Villa. Em que pesem as críticas a essas obras, o que não é nosso objetivo analisar, é possível perceber grande interesse em relação aos acontecimentos e às interpretações já efetuadas sobre o assunto. Todos esses textos são parte de uma grande rede de gêneros textuais que fazem o movimento de Canudos e Antônio Conselheiro figurarem entre os episódios e os brasileiros mais estudados de nossa historiografia pátria⁴.

Tendo em vista a extensa rede textual a respeito do tema em questão, chama a atenção o fato de boa parte das obras publicadas ao longo do tempo ser composta por romances. A ficção talvez seja, então, um componente importante nessa rede. O objetivo deste trabalho é refletir sobre o papel da literatura na representação dos acontecimentos. Através da descrição da imagem do líder Antônio Conselheiro, pretendemos ressaltar os estereótipos sobre ele, especialmente os veiculados através dos romances, ou seja, através da construção da personagem em questão.

HISTÓRIA E LITERATURA

Parece no mínimo intrigante que a produção sobre Canudos esteja crescendo ao invés de diminuir, algo que é curioso em nosso

⁴ Afirmção de José Calasans apud BENÍCIO, Manoel. *O rei dos jagunços*. Rio de janeiro: Ed. Getúlio Vargas, 1997.

país, o qual possui a fama de esquecer o passado, de não cultivar a memória de seus fatos (e feitos) históricos. Seria Canudos uma exceção? De que modo a produção sobre o assunto estaria rememorando os fatos? Sob o viés da história tradicional?

Através da representação de uma figura marcante para os acontecimentos – Antônio Conselheiro –, a tentativa do presente trabalho foi discutir a questão anterior. A expectativa era de que a literatura estivesse contribuindo como meio possível para uma reinterpretação dos acontecimentos.

Ao longo do tempo, especialmente durante a época do conflito, os fatos nos foram relatados de forma a desmerecer os vencidos. As versões oficiais narram os acontecimentos em questão como um feito heróico da República. Mais uma tentativa de obstrução da ordem democrática havia sido debelada. Como vários estudiosos apontam, usualmente o povo de Antônio Conselheiro era visto como o inimigo. Inimigo ora da democracia, ora da religião, ora da razão. Era urgente eliminar tal ameaça. A elite do litoral, os coronéis do sertão, a igreja e o exército se uniram para destruir o inimigo comum. E a imprensa foi, ao mesmo tempo, uma fonte geradora de pânico, o que só fazia aumentar o medo e o preconceito, e uma cúmplice das barbaridades cometidas.

Antônio Conselheiro, como líder do movimento, sofreu toda espécie de insultos e calúnias: os mais condescendentes achavam que era louco; a maioria acreditava que era um fanático; alguns o achavam mesmo um monstro, uma aberração. Será que as representações literárias de Antônio Conselheiro recuperam a imagem do líder de Belo Monte ou contribuem para alimentar as mesmas idéias veiculadas por vários autores através de toda sorte de gêneros textuais?

Para responder essa pergunta, é preciso questionar as fronteiras propostas até mesmo neste trabalho: as fronteiras entre dimensão histórica e dimensão ficcional, ou seja, num sentido mais amplo, a fronteira entre literatura e história. Em relação a Canudos, a questão se torna bem interessante se pensarmos que os primeiros romances sobre a guerra foram escritos por pessoas que presenciaram o conflito: médicos, jornalistas, oficiais do exército. Como estabelecer ao certo o gênero dessas narrativas? Hoje

sabemos que esses romances estão repletos de referências tiradas de textos de jornal, livros de história, geografia e outras áreas e que são relatos que se dizem, geralmente, fiéis à realidade. Por outro lado, a história de Canudos foi construída tendo por base muitos desses romances, ou muitas dessas narrativas geralmente classificadas como romances⁵. Especialmente no caso da obra de Euclides, percebemos o quanto esse livro (ou certa interpretação sobre ele) guiou a representação histórica dos acontecimentos. Assim, a história é construída com base na literatura e vice-versa. Os registros por vezes se misturam nesse caso e os dois campos discursivos – história e literatura – têm muito a dizer em relação à construção da figura de Antônio Conselheiro no imaginário popular.

Em relação aos romances históricos, Esteves afirma:

Ficção e história também são, no entanto, apostas sobre o futuro. Se bem que escrever a história como romance e romances com os fatos da história já não signifique apenas a correção da versão oficial da história, nem tampouco um ato de oposição ao discurso do poder constituído, não deixa de continuar sendo ambas as coisas. As ficções sobre a história reconstróem versões, se opõem ao poder e, ao mesmo tempo, apontam para a frente. Entretanto, o que significa apontar para o futuro? Não significa certamente a intenção de se criar uma nova sociedade através do poder transformador da palavra escrita. Significa muito mais se escrever para forjar o leito de um rio por onde deverá navegar o futuro, no lugar dos desejos humanos (ESTEVES, 1998, p. 128).

Poderíamos nos perguntar: por que Canudos está tão vivo em nossa memória? Por que escrevemos tanto sobre o tema? Para “forjar o leito de um rio por onde deverá navegar o futuro” pode ser uma boa resposta, já que o assunto parece tão atual, especialmente por estar relacionado à questão da desigualdade social, da desigualdade regional e da posse da terra pelos latifundiários. Ainda vivemos esses problemas, aliás, os maiores problemas sociais

⁵ O livro *O rei dos jagunços*, de Manuel Benício, por exemplo, é classificado como “crônica histórica”. O autor diz: “Abastado de provas e documentos, meti ombros à tarefa, valendo-me às vezes de publicações oficiais que aludiam ao caso discorrido. Deste modo organizei a presente obra em linguagem chá e brasileira, saturada da sintaxe e vocábulos adotados pelos nossos sertanejos, dando eu ao complexo um tom de romance (guardada a maior fidelidade histórica), pensando assim amenizar a aspereza do assunto e o enfado de descrições enfadonhas de quem não tem estilo”.

que vivemos, os quais geram conseqüências funestas relacionadas aos problemas urbanos, como violência, inchaço das grandes cidades, exploração do trabalho, etc.

ANTÔNIO CONSELHEIRO – OS VÁRIOS

Para as populações do litoral ele foi um louco, fanático religioso, um criminoso e bandido. Mas, para os sertanejos, ele foi um santo, o Bom Jesus ou o Santo Antônio, que sabia fazer milagres e curas, foi um padrinho generoso e um penitente austero, modelo de vida.

Alexandre H. Otten

Num estudo sobre a produção discursiva a respeito de Canudos, Bartelt (2006) afirma que quem estuda os jornais da Bahia, Rio de Janeiro ou São Paulo do ano de 1897 percebe a existência de um consenso nacional: em Canudos achava-se um reduto de gente caracterizada como “fanáticos, monarquistas e criminosos”, aglomerados em “hordas ou bandos”, gente de alta periculosidade que deveria ser destruída a todo custo, já que alterava a “ordem pública” com o fim de destruir a República, a qual, conseqüentemente, via-se ameaçada e tinha que se proteger, esmagando o que foi considerado uma “rebelião”.⁶

⁶ É fundamental ressaltar que “quando se pensa que o jornal era o mais eficiente meio de comunicação de massa no Brasil do final do século, percebe-se o relevo extraordinário que ele pôde ter nesse contexto. É assombrosa a quantidade de jornais e revistas que circulavam pelo Brasil nessa época” (GALVÃO, 1994, p. 15). Por sinistro que pareça, afirma Galvão, a Guerra de Canudos foi motivo para a produção de farta cópia de material jornalístico no estilo da galhofa. E textos dessa ordem, publicados sem maiores referências, devem merecer hoje tanto crédito quanto as conspirações e cartas autênticas de conspiradores que não cessavam de ser divulgadas pelos jornais. Mas certamente eram lidas, por uma parte dos leitores, pelo menos, com a maior boa fé, e devem ter contribuído em não pequena medida para o clima de pânico que se criara a partir da derrota de Moreira César. Afinal, foi daí em diante que o tema da campanha invadiu as páginas dos jornais. Mais interessantes e ainda mais inimagináveis, contudo, são as conspirações criadas pelos jornais, afirma a autora, “com toda a cobertura jornalística possível, contando com repórteres que vão fazer as investigações, com fontes de informação insuspeita, porém secretas; os leitores são mantidos em suspenso durante vários dias ou semanas, para ao fim não chega-

É interessante ressaltar suas observações a respeito do discurso sobre Antônio Conselheiro: esse indivíduo, não podendo ser encaixado totalmente no campo semântico do “selvagem”, como eram percebidos os sertanejos, foi considerado o fanatizador daquela “massa”. Evidentemente que o Conselheiro não podia ser considerado ignorante, pois sabia até latim! Quais eram, então, as categorias aplicadas a Antônio Vicente Mendes Maciel? De acordo com Bartelt (idem), a igreja concentrava-se em dois estigmas: o “herege” e o “doente mental”. A igreja dispunha, portanto, de apenas um argumento intrínseco forte contra o conselheiro e seu séqüito: o fanatismo. “O fanatismo é a primordial qualificação do Conselheiro e do seu séqüito, repetido em praticamente todos os textos sobre Canudos desde o aparecimento do Conselheiro na Bahia”. (ibidem).

Com a valorização do perfil de Antônio Conselheiro como líder, talvez fosse lícito pensar que afirmações sobre o caráter fanático do movimento de Canudos fossem se tornando cada vez mais raras. No entanto, não somente esse discurso permanece, como também a afirmação de que os habitantes de Canudos normalmente utilizavam violência e saque, ou seja, se valiam de ações criminosas em relação aos seus vizinhos.

Segundo Bartelt (2006), a criminalidade do Conselheiro e do seu séqüito é um axioma, ou seja, não precisa ser adequadamente provada. O discurso de criminalização se auto-sustenta na relação do triângulo *sertão – fanatismo – crime*. Este triângulo discursivo se impõe no lugar de provas ou acusações concretas, servindo como âncora do interdiscurso básico (o da criminalidade).

A necessidade de providenciar provas teria sido substituída pelo discurso. O Conselheiro, além de fanático, é bandido; as duas qualidades se complementam. Evidencia-se, dessa forma, a materialidade deste discurso, o qual contribuiu para criar uma realidade que serviu de ponto de partida para a repressão bélica a Canudos.

Os correspondentes de guerra sempre se referem ao Conselheiro como célebre... bandido! Num trecho que escreve quando

rem a saber qual é a verdade, mesmo que tenham torcido para que os culpados sejam descobertos e punidos exemplarmente”. (GALVÃO, p. 47-48).

já é finda a guerra, Fávilla Nunes diz: “Saí de Canudos no dia 8 (de outubro), às 10 oras da manhã, deixando tudo arrasado e triste. A cidadela maldita, onde o banditismo, a ignorância e o fanatismo estúpido e perverso acastelaram-se para eterna vergonha de nossa Pátria, não existe mais”. (apud GALVÃO, 1994, p.214).

Aqueles que escreveram sobre o Conselheiro na época da guerra, quando não consideravam o peregrino exatamente como bandido ou criminoso, muitas vezes usavam a loucura para justificar os atos daquele homem. O fanatismo, então, também costumava ser, nas interpretações sobre a personalidade do Conselheiro, algo associado à loucura. Ele não agia da forma que agia deliberadamente, no intuito racional de desobedecer às leis civis e/ou religiosas, mas o fazia porque era doente. Assim o explicava, por exemplo, seu amigo de infância e conhecedor da realidade sertaneja: o escritor João Brígido. Segundo Galvão (1994), Brígido comparece pelo menos duas vezes nos jornais de 1897 tentando dar seu testemunho “sóbrio” sobre Antônio Conselheiro. Segundo ele, infelicidades sucessivas, violência e opressão agravaram a afecção cerebral do homem em questão; quanto ao mais, um homem honesto e decente, apenas um penitente. Entretanto, mesmo para autores mais recentes, a perturbação mental ainda é idéia explicativa chave, por assim dizer, no desvendar da personalidade do líder em questão.

José Calasans, considerado o maior estudioso do tema de Canudos, foi grande motivador de pesquisas sobre o assunto, utilizando também material até então pouco valorizado na historiografia, como a poesia popular, por exemplo. A grande mudança em relação ao perfil de Antônio Conselheiro começa na década de cinqüenta, com os estudos e publicações desse historiador, interessado que era em outras fontes além de *Os Sertões*, livro muito questionado por ele. A partir daí, podemos dizer que teve início a fase “Canudos não euclidiano”, aliás, título de uma de suas obras. Essa operação de mudança explicativa e descritiva em relação à Guerra de Canudos e, conseqüentemente, em relação a Antônio Conselheiro é um processo discursivo lento e impossível de ser “delimitado”. No entanto,

é extremamente perceptível quando nos debruçamos sobre a rede textual a respeito do tema em questão.

A mudança no perfil de Antônio Conselheiro acentua-se nas décadas posteriores com a influência crescente dos estudos marxistas em nossa historiografia e em outros campos do conhecimento. Parece que essa mudança é veiculada principalmente através das monografias, ou seja, estudos históricos de caráter mais específico sobre Canudos e não tanto pela historiografia dita oficial. Essas obras e estudos tiveram um grande peso na transformação do perfil do Conselheiro, que seria mais comumente visto na atualidade como líder político e até mesmo como herói.

Como já dito, é a partir da década de 50 que a versão de Euclides começa a ser mais sistematicamente questionada. E não somente a visão de Euclides, mas também a da “história oficial”, construída com grande colaboração da imprensa. O questionamento vem em forma de vários tipos de texto, inclusive dos históricos e da própria imprensa atual. No caso do discurso histórico, como vimos, as transformações no modo de ver a historiografia e novas pesquisas sobre o tema em questão geraram, como consequência, uma série de trabalhos críticos, repletos de novas interpretações sobre a guerra e sobre Antônio Conselheiro. A literatura, por sua vez, foi influenciada e influenciou as mudanças.

Tomando alguns exemplos de romances contemporâneos, podemos fazer algumas observações. No romance *Capitão jagunço*, representante da década de 50, fica perceptível como a mudança é real, apesar de lenta. O autor, embora tenha certa “condescendência com os jagunços”, e especialmente com Antônio Conselheiro, nos apresenta ainda uma interpretação fortemente baseada no campo semântico geralmente utilizado em relação ao povo do Belo Monte: violência, criminalidade, fanatismo. Antônio Conselheiro era um chefe que não mantinha controle sobre o seu grupo de seguidores. Se era impressionante, também era bastante impressionável. Através dessa imagem construída, percebemos a idéia de fanatismo ainda associada ao Conselheiro, que traz o estigma da loucura herdada de seus antepassados, a qual aflora por causa das decepções e dificuldades da vida mundana.

Assim, a interpretação dos acontecimentos foge, mas pouco, ao que já haviam afirmado autores anteriores, inclusive Euclides, em quem o autor de *Capitão jagunço* se baseia.

Já nos romances mais contemporâneos, percebe-se uma mudança considerável na representação de Antônio Conselheiro. Em *A casca da serpente*, destaca-se a desmistificação produzida na personagem em questão; sua transformação de Bom Jesus em tio Antônio, um líder menos divino, mais humano. Concorrência de Itatimundé, o novo povoado construído pelos sobreviventes da Guerra de Canudos, é outra Canudos construída num lugar geográfico diferente, em condições diferentes, com um líder também diferente. Mas as pessoas continuam vivendo sob o regime do “comunitarismo”, o que torna a existência desse povoado uma ameaça. Outra vez a utopia é destruída, nos lembrando o caráter cíclico da história. O fato de Antônio Conselheiro ser transformado num líder bem menos contraditório aos olhos de qualquer leitor que não viva a realidade dos sertanejos não impede a opressão do poder constituído. Isso pode nos levar a refletir sobre uma questão: até que ponto o discurso sobre Canudos e seu líder serviu como justificativa para um massacre que aconteceria de qualquer forma, visto que a maneira como seus habitantes viviam era um perigo para as elites dominantes?

No livro *As memórias de frei João Evangelista de Monte Marciano*, há a problematização da figura de Antônio Conselheiro, que é um fantasma incompreensível para o frei doente. O Conselheiro é visto como um ser contraditório, mas o narrador destaca muito bem seu caráter de peregrino; epíteto, aliás, pelo qual o próprio Antônio definia-se. A culpa do frei pode servir para traduzir a culpa geral em relação aos acontecimentos. Em especial, a culpa dos membros representativos da elite (econômica e intelectual) que apoiaram a guerra e de alguma forma foram responsáveis pelo massacre. Outro fator importante nessa obra é a reflexão constante sobre a escrita da história ou a representação

dos acontecimentos, uma tendência interessante que se observa em romances históricos contemporâneos⁷.

Em *As meninas do Belo Monte*, essa interpelação da história também é comum. O leitor pode perceber uma crítica à maneira como os acontecimentos sempre foram retratados pela imprensa, por exemplo. Especialmente em relação a Antônio Conselheiro, o qual, segundo palavras do narrador, teria sido um dos homens mais caluniados pela República. Nesse livro, há uma grande mudança no perfil de Antônio Conselheiro: o narrador, ao recontar a história de Canudos, realmente toma o partido dos habitantes de Canudos. Mesmo assumindo essa postura, não deixa de mostrar certas contradições da situação. Nessa história, o líder Antônio Conselheiro é um líder solidário ao povo sertanejo, corajoso para enfrentar a batalha necessária, e amoroso com seus seguidores. Ele “[...] não fazia milagres. Não curava doentes. Não prometia o céu. Dava a segurança da terra em liberdade. Não era santo, mas domava o vento ou ele se encantava nele”. (CHIAVENATO, 1993, p.7).

CONCLUSÃO

Desde que aceitamos a literatura como uma forma de se escrever também a nossa história, podemos afirmar, no caso do tema em questão, que há obviamente uma mudança no modo de representarmos os acontecimentos. Uma mudança lenta, pois sabemos que, ainda hoje, há afirmações preconceituosas em relação aos habitantes de Canudos resultantes de interpretações tendenciosas. Talvez a literatura seja um “modo privilegiado se ler os signos da história”, já que, nas palavras de Martinez (apud ESTEVES, 1998), os tempos mudaram e não tem mais sentido desentranhar as mentiras da memória criando uma contra-memória. Deixa de existir a necessidade de denunciar o tempo todo que a história oficial foi manipulada, sendo necessário reescrevê-la. O que sobreviveu a tantas crises – econômicas, políticas e de representação

⁷ Linda Hutcheon aponta essas características como parte dos aspectos comuns aos romances contemporâneos que ela chama de meta-historiográficos.

– foi o vazio. E ele começa a ser preenchido não por outra versão dos fatos, mas por uma série de versões (históricas e literárias).

As obras de ficção analisadas são válidas nesse sentido: como versões dos acontecimentos que dialogam entre si e com outros textos de variados gêneros de forma a aumentar nossas possibilidades de entendimento dos acontecimentos. Nem todas fazem parte do cânone nem são consideradas geniais como *Os Sertões*, mas todas escolheram a ficção como forma privilegiada para repensar a história, recriar a história. Esses textos fazem parte da imensa rede textual sobre o tema de Canudos e cada um traz sua contribuição para a interpretação dos fatos ou para a formação do imaginário. Na medida em que recriam esse imaginário de forma a superar um trauma coletivo e de forma a polemizar a representação tendenciosa, preconceituosa e estereotipada ressaltam o importante papel que a literatura pode desempenhar.

BIBLIOGRAFIA

- ABDALA, B. Jr.; ALEXANDRE, I. (Orgs.) **Canudos – palavra de deus, sonho da terra**. São Paulo: Boitempo/SENAC, 1997.
- ABREU, R. **O enigma de Os sertões**. Rio de Janeiro: Rocco/FUNARTE, 1998.
- AGUIAR, D. V. de. **Descrição prática da província da Bahia**. Salvador: Typografia do Diário da Bahia, 1888.
- AGUIAR, F.; MEIHY, J. C.; VASCONCELOS, S. G. (Orgs.) **Gêneros de fronteira: cruzamento entre o histórico e o literário**. São Paulo: Xamã, 1997.
- AMORIM, A. R. de. A Literatura em busca de um conceito. **Bimensoral**, Maringá, ano I, n. 02, julho, 2001.
- ANDRADE, O. de S. **História e interpretação de Os sertões**. São Paulo: EDART, 1966.
- AINSA, F. La reescritura de la historia em la nueva narrativa latinoamericana. **Nueva época**, v. 4, n. 28, julho-agosto, 1991.
- ARAÚJO SÁ, A. F. **Canudos Plural: Memórias em confronto nas comemorações centenárias de Canudos. (1993–1997)**. Disponível em http://www.infonet.com.br/canudos/canudos_plural.htm. Acesso em 07 de julho de 2006.
- ARINOS, A. **Os jagunços**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1985.

- ASSIS, M. de. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985. v. 3.
- AUERBACH, E. **Mimesis**. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- AZEVEDO, S. M. O Rei dos Jagunços: uma fonte esquecida de Os sertões. **Remate de Males**, Campinas, v. 13, Ed. Unicamp, 1993.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: EDUSP, 1994.
- BARTELT, D. D. **O cerco discursivo de Canudos**. Disponível em <http://www.portifolium.com.br/artigos>. Acesso em 15 de abril de 2006.
- B. DE MENEZES, E. D. **A historiografia tradicional de Canudos**. Disponível em www.portifolium.com.br/artigos. Acesso em 15 de abril de 2006.
- BENÍCIO, M. **O rei dos jagunços - crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- CALASANS, J. **Canudos na Literatura de Cordel**. São Paulo: Ática, 1984.
- _____. **O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro: contribuição ao estudo da campanha de Canudos**. Salvador: Tipografia Beneditina, 1950.
- _____. **No tempo de Antônio Conselheiro**. Salvador: Editora da UFBA, 1959.
- _____. **A guerra de Canudos na poesia popular**. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 1952.
- _____. **Canudos não euclidiano: fase anterior ao início da Guerra do Conselheiro**. In: SAMPAIO NETO, J. A. V. *et al.*, **Canudos. Subsídios para a sua Reavaliação Histórica**. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.
- CALMON, P. **História do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959, v. 7.
- CAROS AMIGOS Coleções, fasc. 2, Rebeldes brasileiros – homens e mulheres que desafiaram o poder. São Paulo: Editora Casa Amarela, s/d.
- CANDIDO, A. *et al.* **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

- CHARTIER, R. O Passado Composto. Relações entre filosofia e história. In CHARTIER, R. A História Cultural: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: BERTRAND, 1990.
- CHIAVENATO, J. J. **Lutas do povo brasileiro: do “descobrimento” a Canudos**. São Paulo: Moderna, 1989.
- CUNHA, E. da. **Os sertões**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. **Caderneta de campo**. São Paulo: Cultrix/MEC, 1975.
- DANTAS, G. F. **O insólito na ficção de José J. Veiga**, 2002. 185 f. Dissertação (Mestre) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2002.
- ESTEVES, A. R. O novo romance histórico brasileiro. In ANTUNES, L. Z. (Org.) **Estudos de Literatura e Lingüística**. São Paulo: Arte e Ciência; Assis, 1998.
- FREITAS, M. T. de. **Literatura e História - O Romance Revolucionário de André Malraux**. São Paulo: Atual Editora, 1986.
- GALVÃO, W. N. **No Calor da Hora**. São Paulo: Ática, 1974.
- _____. **O Império do Belo Monte – Vida e morte de Canudos**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.
- _____. Breviário de Antônio Conselheiro. Salvador: EDUFBA, 2002.
- GÁRATE, M. V. **Civilização e barbárie n’Os Sertões – entre Domingo Faustino Sarmiento e Euclides da Cunha**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- HARDMAN, F. F. Tróia de Taipa: de como Canudos queima aqui. In ABDALA, B.; ALEXANDRE, I. **Canudos – Palavra de Deus, Sonho da Terra**. São Paulo: Senac e Boitempo Editorial, 1997.
- HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo. História, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- JASINSKY, I. O elogio da flexibilidade: atualidade de romance histórico em ‘A casca da serpente’ e ‘La guerra del fin del mundo’. **Fragmenta**, Curitiba, n.14, Editora UFPR, 1997.
- HORCADES, A. M. **Descrição de uma viagem a Canudos**. Salvador: Typografia Tourinho, 1899.
- LEVINE, R. **O sertão prometido**. São Paulo: Edusp, 1995.
- LUKACS, G. **La novela historica**. México: Era, 1971.

- LIMA, L. C. **Terra ignota: a construção de Os sertões**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- LODI-RIBEIRO, G. Uma história sertaneja alternativa. **D.O. Leitura**, São Paulo, 12 (138) novembro de 1993.
- MACEDO, J. R; MAESTRI, M. **Belo Monte – Uma História da Guerra de Canudos**. São Paulo: Ed. Moderna, 1997.
- MACEDO, N. **Antônio Conselheiro**. Rio de Janeiro: Ed. Renes, 1978.
- MACEDO SOARES, H. D. de. **A Guerra de Canudos**. Rio de Janeiro: Typographia Altina, 1902.
- MARTINS, P. E. **50 Antônios e uma tragédia: Canudos**. Disponível em <http://www.portifolium.com.br/artigos>. Acesso em 07 de julho de 2006.
- MENTON, S. **La Nueva Novela Histórica de la América Latina 1979-1992**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- MONIZ, E. **A guerra social de Canudos**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1978.
- MONTENEGRO, A. **Antônio Conselheiro**. Fortaleza, s.ed., 1954.
- NOGUEIRA, A. **Antônio Conselheiro e Canudos**. São Paulo: Nacional, 1978.
- PALMEIRA, J. da C. **A campanha do Conselheiro**. Rio de Janeiro, s.ed., 1934.
- POSSE, A. La novela como nueva crónica de América. In KOHUT, K. (Ed.) **De conquistadores y conquistados**. Frankfurt: Vervuert Verlag, 1992.
- RELATÓRIO** apresentado pelo frei João Evangelista de Monte Marciano ao arcebispo da Bahia sobre Antônio Conselheiro e seu séquito no arraial de Canudos. 1895. 1987. Salvador, Centro de Estudos Baianos/ UFBA. Edição fac-similada.
- REMATE DE MALES**, vol.13, Dossiê Euclides da Cunha. Campinas: Instituto de Estudos da linguagem da Unicamp, 1993.
- SAMPAIO, C. N. **Canudos – Cartas Para o Barão**. São Paulo: Edusp, 2001.

- SILVA, T. C. C. da. **José Saramago entre a história e a ficção: uma saga de portugueses**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.
- SEVCENKO, N. **Literatura como missão**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SOLA, J. A. **Canudos – Uma utopia no sertão**. São Paulo: Contexto, 1991.
- TAVARES, O. **Bahia – imagens da terra e do povo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.
- WHITE, H. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo: EDUSP, 1994.
- VEYNE, P. **Como se escreve a história**. Brasília: UnB, 1995.
- VILLA, M. A. **Canudos – o povo da terra**. São Paulo: Ática, 1995.
- ZILLY, B. A guerra como painel e espetáculo. A História encenada em *Os sertões*. **História, Ciências, Saúde — Manguinhos**, v. V (suplemento), julho de 1998.